

A CIÊNCIA COMO DISPOSITIVO PARA O TRIUNFO DA RELIGIÃO¹

Bernardo Sollar Godoi², Luciana Cavalcante Torquato³

Resumo: *Este trabalho discute a problemática apresentada por Lacan (1974/2005) acerca do prognóstico do triunfo da religião. A ciência recebe o status de principal contribuinte para o reinado religioso, por escancarar o real aos homens; a religião seria então convocada para tamponar a angústia suscitada pelas lacunas desvendadas pela ciência. O objetivo deste estudo é percorrer a obra O triunfo da religião a partir da concepção de ciência de Max Weber, apresentada em A ciência como vocação (1917/2007), como um dos processos do desencantamento do mundo. Percebe-se possíveis aproximações entre a concepção weberiana de ciência e a “profecia” do triunfo da religião do psicanalista francês. O desmembramento da totalidade em causalidades, o desencantamento do mundo – intelectualização, descrição, previsão e técnica –, questionamentos de crenças há muito arraigadas, da ordem do sentido, da ética e da moral, são alguns dos elementos que desmascaram o real, que tanto a religião esforça para cobrir.*

Palavras-chave: *Desencantamento do mundo, Lacan, real, Weber.*

Abstract: *This paper discusses the issue by Lacan (1974/2005) about the triumph of religion prognosis. Science receives the main contributor status for religious reign, by throwing open the real aoss men; religion would then be convened to buffer the anguish caused by gaps unraveled by science. The aim of this study is to go to work The triumph of religion from the Max Weber science of design, presented in Science as vocation (1917/2007), as one of the disenchantment of the world processes. It is noticed possible similarities between the weberian conception of science and the*

¹ Parte do Trabalho de Conclusão de Curso do primeiro autor;

² Graduando em Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: bernardosollar@hotmail.com

³ Professora do Curso de Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: lucianatorquato.psi@gmail.com

“prophesy” of the triumph of the french psychoanalyst religion. The break-up of all in causalities, the disenchantment of the world - intellectualization, description, prediction and technical - belief questioning long rooted in the order of meaning, ethics and morals, are some of the elements that unmask the real, both religion strives to cover.

Keywords: *Disenchantment of the world, Lacan, real, Weber.*

Introdução

Em uma entrevista, datada de 1974 – O triunfo da religião (1974/2005) – o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) discute assuntos relativos à função da psicanálise, à angústia dos cientistas e, principalmente, discorre sobre o que apresenta como “triunfo da religião”, prognóstico que o psicanalista faz para a cultura nos próximos tempos. O comentário de Lacan acerca de uma expansão do religioso batiza o título da publicação – posteriormente promovida por seu genro e psicanalista, Jacques Alain-Miller.

Ao anunciar este triunfo, Lacan (1974/2005) aponta a ciência como grande contribuinte para o reinado religioso. Isso se deve, para o autor, à forma como a ciência anda des-cobrando o real a cada avanço técnico-científico; o que resultaria em uma crescente aflição nos corações humanos em busca de algum sentido para cobrir esse real. O real, portanto, é aquilo, a priori, incapaz de ser apreendido em uma cadeia de sentido, e, dessa forma, demanda algo que o cubra.

A ciência, ao revelar “aquilo que não funciona” (p. 63), deixa uma lacuna inapreensível com a qual o ser humano é obrigado a lidar. Visto que as respostas tradicionais não abarcam a inovação trazida pelo progresso, o campo da angústia tende a se alastrar. A ciência, neste sentido, estaria promovendo o (des)serviço de retirar o véu que a religião frequentemente coloca para unificar o mundo com um sentido absoluto.

Na mesma entrevista, Lacan (1974/2005) afirma que a função da

psicanálise se pauta em fazer o sujeito trabalhar em cima “do que não funciona” (acréscimo: com uma invenção subjetiva singular). A religião, por sua vez, estaria em outra posição, a de doar sentido para esse mesmo sujeito. A consequência se efetua em uma massificação do sentido (as neuroses coletivas) e no papel universalizante de “apaziguar os corações” (p. 65) frente ao real que escapa ao sujeito. A religião fornece, assim, a ilusão – para lembrarmos de Freud (1927/1996) – de uma ordem preestabelecida para o mundo. Um véu para o furo. Com efeito, as lacunas não aparecem e, por isso mesmo, acredita-se na não existência delas.

A ciência, por trabalhar com situações de causalidades, desmembra o sentido totalizante dado pela tradição. E é nesta esteira que Lacan anuncia um retorno do religioso. Mas o que mais apropriadamente ele quis dizer com isso? Dizer que a religião triunfará nos próximos tempos, porque a ciência constantemente tem revelado um real para a humanidade, não explica a profecia – a não ser que se valide o enunciado como um argumento de autoridade. O que a ciência tem revelado de angustiante? Por que seria angustiante para a humanidade deparar-se com as lacunas deixadas pela ciência? A religião retornaria para prestar qual serviço?

Uma vez que a ciência e a religião possuem participações marcantes nas esferas pública e privada, demarcando aspectos que dizem respeito ao sentido, à ética e ao desenvolvimento, esta temática diz respeito às responsabilidades que estas instituições carregam na cultura. Neste sentido, em uma entrevista não é possível a exploração de uma temática de forma pormenorizada, visto que isso abarcaria um tempo não suportado por este formato. Com isto em vista, a proposta do presente trabalho é argumentar junto a Lacan, apoiado na concepção de ciência de Weber, sobre o papel desempenhado pela ciência que gera a consequência possível do triunfo religioso.

Material e Métodos

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica

(MARCONI; LAKATOS, 2003), tendo como principais referências duas obras: O triunfo da religião, de Jacques Lacan (1974/2005) e A ciência como vocação, de Max Weber (1917/2007). O presente estudo se pauta em uma tentativa de responder à argumentação de Lacan acerca d'O triunfo a partir da leitura efetuada por Max Weber sobre o papel e o significado da ciência no contexto moderno, como processo do desencantamento do mundo.

Em outras palavras, investigou-se, em Weber, as consequências trazidas pela ciência que possivelmente justificariam o triunfo da religião profetizado por Lacan.

Resultados e Discussão

Max Weber (1864-1920), economista e sociólogo alemão, tratou o assunto acerca da ciência, e suas especialidades, como formas de racionalização do mundo nas quais predomina a importância da descrição da técnica e da previsão (1917/2007).

Que significado teria o “fazer ciência”? Ele se coloca tal pergunta, pois vê como aparentemente absurdo buscar algo que está orientado para nunca acabar, nunca finalizar e sempre progredir rumo ao infinito. A ciência sempre terá um problema e não encerrará uma resposta; pois assim que a alcança gera outra problemática. Qual o impacto disso? Pergunta o autor.

O tanto que progrediu a ciência deixou incapaz o homem de saber sobre o que está à sua volta – paradoxo? Visto que o conhecimento acumulado sobre o mundo é vasto o bastante para se perder ao horizonte, restando ao indivíduo apenas a crença na possibilidade de conhecimento. Ao contrário do primitivo que tem conhecimento acerca daquilo que manuseia, o homem moderno está longe de toda a dinâmica de funcionamento dos materiais que utiliza. Aquilo que escapa à compreensão do primitivo era considerado como forças misteriosas e mágicas, sobre as quais se criava os mais mirabolantes enredos místicos. Já o homem moderno desmistifica o mundo, pois carrega a crença de que com a ciência é capaz de conhecer tudo por meio da técnica e da previsão

(WEBER, 1917/2007). Aqui que se situa o conceito de desencantamento do mundo do sociólogo alemão. O que isso provoca no homem moderno? Essa é uma das questões.

Com a ciência, como processo de desencantamento do mundo, o sentido buscado para finalizar o mundo em uma corrente de pensamento única deixou de existir. Foi em Tolstói (1828-1919), escritor russo, que Weber (1917/2007) encontrou o não sentido que a ciência vem produzindo. Por exemplo, o homem moderno vê a morte como um não sentido em si mesmo, porque isso contradiz a noção de eterno progresso do conhecimento introjetada pela ciência. Nada é definitivo, nem mesmo a morte! Porém, o resultado disso é: “porque a morte não tem sentido, a vida do civilizado também não o tem, pois a ‘progressividade’ despojada de significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação” (p. 31). O “sempre em frente” proclamado pela ciência moderna esvazia a significação da vida. O que importa é o próximo avanço.

Aproximamo-nos, com efeito, do ponto importante para o presente estudo. Ainda se indagando sobre a ciência: “qual o significado da ciência no contexto da vida humana e qual o seu valor?” (p. 32), Weber (1917/2007) relembra parte da história da ciência. Os gregos utilizavam a ciência para chegar em um modo correto de agir como cidadão, como aquele que beneficiaria a pólis. No Renascimento, Leonardo Da Vinci (1452-1519) tinha como objetivo utilizar a experimentação científica para chegar em uma forma sublime de arte – “a verdadeira arte”. Neste sentido, a ciência seria utilizada “como caminho capaz de conduzir à natureza” (p. 34). Portanto, a ciência era utilizada em nome de algo: da verdadeira arte, da verdadeira felicidade, da natureza e até mesmo de Deus – este último, por exemplo, seria um pensamento impossível para os homens de hoje. Nos tempos modernos, ao contrário, existe a concepção de que é através da anulação do intelectualismo científico que poderemos chegar à “verdadeira natureza das coisas”, afirmava o sociólogo.

A ciência em nossos tempos, continua Weber (1917/2007), teria valor em si mesmo. Em outras palavras, a ciência e suas especialidades não

precisariam demonstrar porque são necessárias para a existência humana.

Pressupõe-se que existe um interesse da sociedade em saber sobre o que empreendem, sobre o que faz parte das atividades científicas. Não se perguntam se isso que exploram merece ser feito. E, ainda, “não podem, entretanto, provar ‘cientificamente’ que haja uma vantagem nessa participação; e o fato de pressuporem tal vantagem não prova, de forma alguma, que ela exista” (p. 38).

O problema é que a ciência, encerrando-se em si mesma, não responde às questões fundamentais do ser humano. Perguntas como “o que devemos fazer?” e “como devemos viver?” (p. 36) são incapazes de serem respondidas pela ciência. A ciência não abarca as questões relativas à conduta, à ética e a moral. As únicas respostas fornecidas pelas ciências são da dimensão da técnica. Indagações sobre o sentido escapam das mãos científicas. As ciências não respondem sobre o valor da existência, mas são capazes de movimentar crenças há muito arraigadas no coração da humanidade, ao propor seus métodos e formulações causais. E é sobre este caminho que o desencantamento do mundo, provocado pela ciência, suscita questões existenciais sobre as quais não possui a capacidade de investigar ou responder.

O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo “desencantamento do mundo” levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes. Tais valores encontraram refúgio na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados (WEBER, 1917/2007, p. 51)

As transcendências de outrora se encontravam em níveis verticais. Em tempos modernos estão, por outro lado, em níveis horizontais – das relações interpessoais. Buscar sentido e valores passa a habitar apenas o foro íntimo de cada um. As pessoas estão sozinhas nesta jornada, em um mundo desencantado.

Para o sociólogo alemão, aquelas pessoas que não estão dispostas – que não respondem de forma viril (ele realmente emprega este termo) ao mundo desencantado –, a buscar as últimas consequências de sua posição no mundo – a responsabilidade de seus atos – voltam-se para as Igrejas. A consequência desta atitude é o “sacrifício do intelecto”.

Conclusões (ou considerações Finais)

Lacan, em 1974, apostava na ascensão religiosa, tendo a ciência como parte envolvida do processo. Weber destacou principais elementos angustiantes evocados pela ciência dos quais os homens teriam que trabalhar em cima, restando a estas duas possibilidades: encarar o mundo desencantado (isto é, sem referencial absoluto, mágico) com virilidade ou encaminhar-se para as Igrejas.

Em suma, é possível destacarmos os principais aspectos que justificam pensar o triunfo da religião nos próximos tempos a partir das consequências da ciência (ao descobrir o real) destacadas por Weber: orientação rumo ao infinito, provocado por uma problema que suscita o outro, nunca encerrando uma resposta; o desmembramento da totalidade em causalidades – criando uma realidade fragmentada –; crença permanente na possibilidade de conhecimento; questionamento de ordem ética, moral e existencial, sem respostas; hipervalorização da técnica, previsão, descrição e racionalização do mundo – o que caracteriza o desencantamento do mundo pelo movimento científico; mudança de vetor nas transcendências, de verticais (Pátria, Deus etc.) passaram a ser horizontais (relações humanas). Seria a angústia dessa nova dinâmica que proporcionaria, à religião, o seu triunfo?

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1927) O futuro de uma ilusão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-

63.

LACAN, Jacques. O triunfo da religião. In LACAN, Jacques. O Triunfo da Religião, precedido de, Discurso aos Católicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Campo freudiano no Brasil; Série Paradoxos)

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

WEBER, Max. (1917). A ciência como vocação. In: WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. 14 ed. Editora Cultrix, 2007.